

Tomo 4 - pag. 249 - 250 - 251 - 252
M. 3 - 326

S E R M A Õ
HISTORICO PANEGYRICO
D A
CONCEYÇÃO
DE NOSSA SENHORA,
Padroeyra do Reyno
D E
PORTUGAL,

Prégado na Capella Real a 8 de Dezembro de 1709.

P O R
D. JOSEPH BARBOSA
CLERIGO REGULAR
OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

NUNO DA CUNHA
DE ATTAIDE

Bispo Inquisidor Geral, Capellaõ Mór de Sua Magesta-
de, do seu Conselho, de Estado, e do seu despacho.

(✕)

L I S B O A ;

Na Officina VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
O fez imprimir.

Com todas as licenças necessarias. Anno de M. DCC. X.

L 2835

156

SE R M A O

HISTORICO PANORAMICO
D A

CONCEYCAO

DE NOSSA SENHORA,
Padroeyra do Reyno
D E

POR TUGAL,

Trigésima na Capella Real a 8 de Dezembro de 1709.

D. JOSEPH BARBOSA

GERENCO REGULAR
OPFERECIDO

AO ILUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

NUNO DA CUNHA

DE ATTALIDE

Filho Inquyitor Geral, Capella Mayor de Sua Magesta-
de, do seu Conselho, de Estado, e do seu despacho.

(R)

L I S B O A

Na Officina VALENTIM DA COSTA DE SAUNDERS
O se imprimiu.

Com todas as licenças necessarias. Anno de M. DCCX.



ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.



*N*ÃO duvidou o meu respeito na eleição do patrocínio, duvidou na qualidade da offerta. Dar aos Principes o que he seu, não he lisonja, he obrigação. Por muitos principios he este Sermaõ de V. Illustrissima, porque sendo da Immaculada Conceyção da Princeza da Gloria, devia de sabir a luz no amparo de hum Principe, cujo primeiro cuidado he a pureza da Fé. Nelle se mostra parte daquelle zelo verdadeiramente Portuguez, com que os Serenissimos Reys deste Reyno armáraõ mais vezes as mãos em obsequio da Religiaõ, que do Estado, porque estes gloriosissimos Monarchas primeiro attendiaõ à Fé, do que às Conquistas, e primeiro pelejavaõ pela causa de Deos, que pela sua. Bem mostra V. Illustrissima o quanto arde no seu peito este sagrado fogo na pureza dos costumes, e na rendida veneraçãõ à Cabeça mystica da Christandade; mas esta, Senhor, he qualidade natural em V. Illustrissima, por ser herdada com o sangue do seu quinto Avò o Senhor Tristão da

§§

Cunha,

Goes Chrou.
de El Rey D.
Man. p. 3. c.
56. 57.

Cunha, que depois de ter dilatado na India os Imperios de Christo, e Portugal com o preço illustre do seu sangue, e com o valor incomparavel da sua espada, foy dar obediencia à Santidade de Leão X. em nome do Serenissimo Rey D. Manoel. Mostrou a Roma este famoso Herôe a piedade, e grandeza de Portugal: a piedade nas demonstraçoens politicas da Fé; a grandeza nas primicias das riquezas Orientaes, offercidas com tão Real, e profusa liberalidade, que aquella cabeça do Mundo costumada a ver, e a desprezar maravilhas, entrou na justa admiração de tão preciosas dadivas. Este zelo gloriosamente herdado elevou a V. Illustrissima à Dignidade de Capellão Mór da Magestade Augustissima d' El Rey D. Pedro o II. que está no Ceo, e del Rey D. João o V. que Deos nos guarde por muitos annos, e por estas razoens seria roubo buscar este papel differente patrocínio. V. Illustrissima com a grandeza da sua benignidade desculpará o limitado tributo, até que com estudos mayores me ponha aos pés de V. Illustrissima, cuja Pessoa guarde Deos muitos annos. Lisboa, nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Beija as mãos de V. Illustrissima

seu menor Capellão

D. JOSEPH BARBOZA C. R.

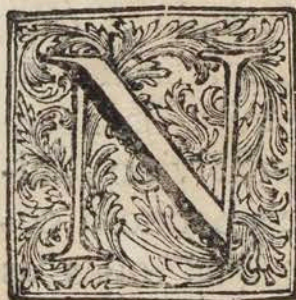
DE QU A NATUS EST J E S U S.

Faculdade de Filosofia Saõ Mattheus no Cap. 1.
Ciências e Letras
Biblioteca Central

MUITO ALTOS, E MUITO PODEROSOS

R E Y S,

e Senhores noffos.



A Infancia do Mundo, quando a Corte do primeiro homem ainda se não compunha de obsequios racionaes, já o culpa tinha arruinado com a Magestade da Coroa a grandeza do nascimento de Adaõ. Entregáralhe Deos ao seu dominio o dilatado Imperio de todo o Mundo, sem mais preceito, ou restricão, do que não tocar a arvore da sciencia; mas julgando elle por injuria da magestade a prohibicão de hum pomo, comeo o que o que lhe estava prohibido, e conheceo com inutil

**

*Per. in Genes.
lib. 5. de statu
innoc. quæst.*

Genes. 2. 17.

til arrependimento a grandeza, de que cahira. Já peccou Adão, já toda a infeliz descendencia do feu barro vay buscando com inevitavel ruina o mesmo precipicio: aquella vida, que fora criada para immortal, como assenta a mais douta Theologia, já está sojeita à tyrania da morte, porque a mesma sagrada boca, de cujo halito recebeo os principios da vida, justamente indignada fulminou a sentença de morte: *Morte morieris*. Por esta causa nasceraõ todos os homens reos da culpa original, sem que no dilatado circulo de sessenta, e oito seculos houvesse algum, que não contrahisse o peccado, como herança da natureza; na primeira origem pagamos todos a desobediencia de hum sò homem com taõ rigoroso, e indispensavel tributo, que entre milhoens quasi infinitos de creaturas não sabemos de outra excepção mais, que a Virgem MARIA, cujos primitivos, e originaes candores triunfantes da culpa celebramos hoje. Esta he aquella sagrada Aurora, que resplandeceo no primeiro instante, sem opposição de sombras; está he aquella Virgem gloriosamente preservada, que não foy comprehendida no decreto universal contra todos os descendentes do primogenito da ingratição. Arme-se contra o Mundo o furor Divino, fulmine estragos, e ameace ruinas, que a Senhora como verdadeiro Olympo, mayor do que todas as creaturas nos privilegios, verá com imperturbavel serenidade as lastimosas consequencias do peccado de Adão; verá gemer nas prizoens da culpa ao mesmo passo, que vir sempre victoriosa a sua innocencia, porque quando todos naufragaraõ no tempestuoso mar da origem, MARIA como chea de graça

ça levantou os trofeos , e cantou a victoria. Este triunfo pois da original pureza da Mãy de Deos na sua Conceyçaõ gloriosa venera com particular empenho entre os universaes applausos de todo o Mũdo Catholico a porçaõ mais pura , e mais catholica desse mesmo mundo o Reyno de Portugal , porque naõ só o venera como finalmente rendido à opiniaõ da Igreja , mas como empenhado na pureza de sua Augustissima Protectora. Esta he a causa de tanta grandeza , e tanta magestade , porque parece que se naõ satisfaz com menos a Real piedade Portugueza , do que dando a ver em argumentos extrinsecos do culto o soberano fervor , que lhe anima o coração para com este mysterio purissimo da Senhora. Mas qual seria a razaõ , que teve a Magestade sempre saudosa do Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. para fazer Protectora deste seu Reyno a purissima Virgem da Conceyçaõ ? Creyo que a resoluçaõ de taõ augusta , e prudente piedade naõ teve outro motivo , se naõ o que direy. O Reyno de Portugal entre todos os do Mundo he o Reyno santificado , puro na Fè , e estimado por Deos pela sua devoçaõ ; pois era justo , e conveniente que hum Reyno puro naõ tivesse outra Protectora , se naõ a purissima Virgem da Conceyçaõ. Todo o fundamento da pureza da Senhora , e toda a origem de ser concebida em graça , foy , como diz o Euangelho , a Maternidade de Christo ; porque naõ era possível , que fosse Mãy da pureza , quem naõ fosse actual , e antecedentemente a mesma pureza , *De qua natus est Jesus* : o que supposto , infiro assim : Logo o Reyno de Portugal , como santificado , e puro , naõ devia de ter outra Protectora , se naõ a Virgem da
Con-

Conceyção, porque sendo elle puro, devia de ser amparado por quem tivesse o mesmo privilegio de pureza? Sim, e a razão me dará o assumpto. Foy a Senhora concebida em graça, porque foy destinada para Mãy da pureza essencial, que he Christo, porque o que he de Christo, não pode ter mancha de peccado: *De qua natus est Jesus*. He este Reyno de Christo, porque elle o elegeo para si pela sua pureza: *Fide purum, Imperium mihi stabilire*. Foy a Senhora Mãy de Christo, para ser o instrumento da Redempção dos que estavaõ sepultados na confusão das trevas, e nas sombras da morte: *Populus, qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam, habitantibus in regione umbræ mortis lux orta est eis*. Elegeo Christo para si o Reyno de Portugal, para resgatar do cativo da idolatria a todos aquelles, a quem levou o zelo, e Religião dos seus filhos as sagradas luzes do Euangelho: *Ut deferatur nomen meum in exterarum nationes*. Pois se a Senhora, e o Reyno de Portugal foraõ previstos na mente Divina para fins no modo possível semelhantes: digo que a Senhora não só foy pura, e concebida em graça para ser Mãy de Christo: *De qua natus est Jesus*; mas tambem para ser Protectora, e Padroeira de hũ Reyno santificado, e puro, como he o de Portugal. Este he o assumpto, entremos a discorrello.

Isai 9. 2.

JA' não tem de que se queixar a paciencia de Job, porque já vio dispensado na Conceyção de Senhora aquelle fatal motivo das suas queixas. Queixava-se este pacientissimo Principe daquelle instante, em que fora concebido, porque considerava

rava o horror da culpa original, diz Santo Thomás com a corrente dos Theologos: *Pereat dies, in qua natus sum, & nox, in qua dictum est, conceptus est homo: maledixit Job diei nativitatis suæ propter culpam originalem, quam nascendo contraxit.* Turbada a Real fantasia deste milagre do soffrimento, maldezia a hora, em que por sua desgraça apparecera no mundo, para indignar contra si a divina bondade. Para ruina daquelle dia desejava desterrallo da memoria dos homens, e exterminallo da ferie dos outros dias, conjurando-se para este fim o medonho da noite, o formidavel dos seus phantasmas, e tudo quanto póde fingir a imaginação de terrivel, e horroroso. Justamente se queixava Job, por que considerava os danos da culpa hereditaria trãsendida nos filhos por aquelle ingrattissimo pay, que cegamente ambicioso da divindade não reparou em matar huma multidão infinita de descendentes, de huma culpa taõ fatal, que brotou entre as delicias da Primavera bemaventurada pela força do veneno, que semeou o Demonio para transformar o Paraíso no Inferno; de huma culpa de taõ infame qualidade, que se atreveo ao corpo no primeiro instante de racional, e de taõ desgraçada fecundidade, que do principio dos tempos até o fim dos seculos não deixará de produzir os effeytos da sua tyranmia: *Maledixit Job propter culpam originalem.* Porém já ouve o instante da Conceyção da Senhora, em que se não viraõ as sombras da culpa, nem as trevas do peccado, porque reynáraõ cõ anticipados resplandores as luzes da graça. Este ha de ser o dia, em que com a pureza, e actividade dos seus rayos, deyxando vencidos a todos os mais

§§§

dias,

Job. 3. 3. D.
Thom. 2. 2.
quest. 76. art.
2.

dias , ferá o principe da ventura , ferá o primogenito da felicidade. Entre a derogação portentosa daquelle universal decreto foy concebida a Senhora em graça com assombro de toda a natureza , porque como esta innocentissima Princeza estava decretada nos mysteriosos segredos da eternidade para Protectora , e Defensora deste Reyno de Portugal , era razão , que no primeiro instante do seu ser phyfico não apparecesse o peccado , mas que sómente reynasse a pureza da graça , pois de hum Reyno puro devia ser taõbem pura a Protectora. Falla Deos com o seu Proféta Jeremias , e animando-o às grandes obras para que a sua providencia o havia destinado , lhe diz assim : *Antequam exires de vul-*

Jerem. 1. 5. va , sanctificavi te : Antes que tu , ó Jeremias , visses a luz do Mundo , já eu te havia santificado no ventre de tua mãy. Favor he este , do qual se infere sem duvida algum fim admiravel na pessoa do Proféta , e qual seria ? Porque correndo por todos aquelles Heróes , e Patriarchas , que illustrarão com a prudencia , e com o valor os pacificos , e militares fastos da Republica Hebreá , a nenhum acho , que concedesse privilegio igual. Assim he ; porque todos nascéraõ com as cadeas da culpa de Adaõ ; porém não succedeo desse modo ao Proféta Jeremias ; e porque ? O Texto o diz : *Ego quippe dedite hodie in civitatem munitam , & in columnam ferream , & in murum areum super omnem terrã regibus Juda , Principibus ejus , & Sacerdotibus , & populo terræ :* Porque Deos tinha determinado fazer a Jeremias Protector , e Defensor dos Reys de Judá , e dos seus Principes , dos Sacerdotes , e de todo o povo de cujas differenças se compoem os estados das

das Monarchias , e como elle nascia para defender, e amparar a hum Reyno taõ estimado por Deos pela sua Fé, como o de Israel , naõ havia nascer sem o privilegio de immaculado , e santo , porque era justo , que à pureza daquelle Reyno correspondesse a pureza deste Protector : *Santificavi te , dedi te in civitatem , &c.* Mas examinemos agora qual feria a razaõ , porque ao Reyno de Israel bastou hũ Protector santificado antes de nascido , e naõ bastava ao Reyno de Portugal menor Protectora do que a Virgem immaculada , concebida entre as innocentes luzes da pureza. Porque a mesma differença , que ha entre a pureza da Senhora, e a de Jeremias , essa mesma ha entre a pureza da Fé do Reyno de Israel , e do Reyno de Portugal. Consideremos a Israel naõ só como Reyno , mas taõbem como Republica. Alli acharemos a Omnipotencia Divina visivelmente empenhada na defenõsa daquelle povo , e ao mesmo passo veremos ao povo sem respeito, ou temor da poderosa mão , que o resgatou , offendendo-lhe humas vezes a Divindade com a adoraçãõ dos Idolos , aggravando-lhe outras a Providencia com as grosseyras faudades dos alimentos do Egypto. Naõ se esquecia Deos , porque os amava , mas a Fé daquelle Povo taõ inconstante, como a mesma vontade , se o adoravaõ era effeyto dos castigos , com que reduzia ao seu conhecimento aquelles môstros da ingraticidãõ ; mas tanto q̃ a Misericordia embainhava a espada da Justiça , esquecido o respeito, reynava a idolatria. Passou a Reyno esta ingraticissima Republica , e o primeiro Principe , que adorou no seu throno , foy o desgraçado Saul ; seguirãõ-no na impiedade dos costumes , e
na

na fraqueza da Fé hum Roboaõ , hum Jeroboão , que não só peccou , mas com o seu exemplo fez peccar a toda Jerusalém ; hum Acab , em cujas mãos venerou a lisonja o Sceptro daquella Monarchia , e debayxo de cujos pés chorou a verdade a Religião antiga dos Patriarcas ; e sendo este Reyno taõ estimado por Deos , de quarenta , e dous Reys , que governáraõ antes , e depois da divisaõ , os Reynos de Israel , e de Judá , diz o sagrado Texto , que só tres observáraõ religiosamente a Fé , porque os mais , estragado o culto do verdadeiro Deos , fizeram reynar nos seus dias a impiedade , e o sacrilegio , porque todo o cuidado , e agradecimento destes Principes eraõ idolos , ou mortos , ou animados:

Eccles. 49. 5. Præter David, Ezechiam, & Josiam omnes reges peccatum commiserunt. Não assim os Augustissimos

Macedo Flox de Espanha c. 9. Excel. 4.

Reys de Portugal , pois continuando nelles aquella Fé , que haviaõ tido os Reys Suevos , e que entrando em Portugal , como na patria da Religião viveo segura das perseguiçoens do Mundo quasi todo Hereje , se vio taõ gloriosamente entronizada no Reynado do I. Affonso , que o Palacio de Coimbra parecia o Vaticano de Roma. Em premio da sua Fé mereceo elle só , o que não merecéraõ todos os Principes de Judá , ou de Israel , porque para lhe fundar os alicesses da sua Monarchia , lhe appareceo crucificado o Redemptor , tomando para si o Reyno , que começava , e dando-lhe as suas Chagas por Insignias. Este favor soube desempenhar aquelle generoso coração , fazendo tremolar as suas bandeiras em obsequio de Christo , consagrando ao seu nome tudo o que conquistava aos Mouros : cada batalha , que vencia , era hum testemunho da sua piedade ,
cada

cada victoria, que alcançava, era hum padrão da sua Fé, como o dizem aquelles dous Principados Ecclesiasticos, Alcobaça, e Santa Cruz em Coimbra, hum de Agostinho, outro de Bernardo. Não se acabou com a vida deste Principe o zelo da Fé, porque deixando-o como Patrimonio aos Reys de Portugal, obráraõ todos em serviço da Religiaõ façanhas taõ gloriosas, como o dizem as conquistas de Africa, e da Asia intentadas, e conseguidas para gloria de Christo, e da sua Fé: a grandeza do estado, a gloria da nação era o menos, onde o amor de Christo era o mais; diga-o o sentimento do Serenissimo Senhor Rey D. Joaõ o III. quando no anno de 1552. na sua Real Capella, não muito distante da presente, Guilherme Gardener natural de Bristol se atreveo a arrebatár da mão do Sacerdote a Hostia consagrada, porque de tal sorte sentio este sacrilegio, que negando a sua Real presença por muitos dias à Corte, appareceo depois vestido de taõ rigoroso luto, que bem mostrava o pezar, que lhe opprimia o coração; ainda chegou a mais, porque ordenando huma penitente procissão, não se injuriou a Magestade humana de acompanhalla descalço, porque nella se sentiaõ as injurias, e afrontas de hum sacrilegio contra a Magestade Divina occulta no Sacramento; e para que se visse que este zelo da Fé, era em ordem, a que ella se conservasse innocente, e pura, instituhio a Confraria da Corte à honra especialmente da Virgem da Conceyção, continuando até o presente taõ vivo este ardor da Religiaõ em todos os Monarcas Portuguezes, que não teve diminuição, porque sempre pareceo que começava. Este he o fundamento da eterna duração

Vasconcellos na vida del Rey D. Joaõ o III. n. 14.

Joaõ Fox no Kalendario Angelicano a 4. de Setebro.

Brito no Elogio del Rey D. Joaõ o III.

ção desta Religioſa Monarchia , para cuja graueza vivaõ os Reys , e vivaõ os Vaſſallos ; eſtes para terem a gloria de ſerem governados pela Fé animada dos ſeus Principes ; aquelles para juſtamente ſe gloriarem de terem por ſubditos os Primogenitos da Religiaõ. Agora digo aſſim : O Reyno de Judá , e de Iſrael tiveraõ Reys , e tiveraõ Principes , que eſquecidos , e ingratos apoſtatáraõ do ſeu Deos , e como a ſua Fé era menos robusta , baſtava que foſſe ſeu padroeyro , e defenſor hum Jeremias nacido , mas naõ concebido em graça : porém como os Reys , e Reyno de Portugal conſerváraõ ſempre a Fé perſeguindo as Heregias , e caſtigando os Apoſtatas , naõ deviaõ ter outra Protecçõ , e Defenſora ſenaõ a Virgem da Conceyçaõ , que naõ ſõ foy nacida com o Jeremias , mas foy como ella ſõ concebida na innocencia da graça. O Reyno de Iſrael pela repetiçaõ das culpas aggravou de tal módo a Divina paciencia , que cançada já com o ſofrimento amoroſo de tantos annos o lançou fóra da ſua protecçaõ como rebelde : *Projeciſti populum tuum domum Jacob , quia repleti ſunt ut olim , & augures habuerunt ut Philistiim* ; o Reyno de Portugal mereceo de tal ſorte a Divina piedade , que delle podemos afirmar com mayor , e mais fundada juſtiça , que ſerá o povo eſcolhido por Deos : *Ipsi populus meus erunt , & ipſe Deus cum eis erit eorum Deus* : e como a Senhora foy concebida para Mãy de Deos , *De qua natus eſt Jeſus* , e o Reyno de Portugal foy fundado para Reyno de Chriſto : *Imperium mihi* , neceſſariamente havia de ſer pura , ſem ſõbra de macula , porque havia de ſer Protecçõ , e defenſora deſta Monarchia , pois ella , e a Senhora eraõ eſpecialmente

Iſai. 2. 6.

Apocalypſ. 21. 3.

do para Christo, poderá fer, que a sua Fé não iora
 taõ constante, e firme, mas começando para Deos,
 era impossivel que a Senhora, e o Reyno tivessem
 sombra de culpa em virtude da graça para que fo-
 raõ nascidos: *Si tuus esset Dñe, non jaceret.* Esta
 gloria da Senhora pela sua pureza admiravel quiz
 Deos que se revelasse aos olhos do seu povo, para
 que visse entre assombros, e admiraçõens, que o
 que havia destinado para si, não havia de ser tocado,
 nem por hum instante do veneno da culpa. Retiray-
 vos pois funestas sombras da origem, desaparecey
 desobedientes trevas de Adaõ, não se opponha a
 vossa temeridade, quando apparece a Virgem: em
 descomposta fugida se sepulte o vossõ horror na
 eterna noite da confusaõ, porque a Senhora ha de
 ser pura, como Protectora de hum Reyno taõbem
 puro. Fez Deos conductora do seu povo a Arca do
 Testamento, quando caminhava para a conquista
 de terras infieis. Chegãraõ os Levitas, que levavaõ
 a Arca, às margens do Jordaõ, e esquecendo-se o
 rio da sua fluida natureza suspendeo as ondas para
 lhe abrir o passo, levantando as aguas em montes
 cristallinos, e transparentes: *Steterunt aquae de-*
scendentes in loco uno, & ad instar montis intumes-
centes apparebant procul ab urbe: e que razaõ ha-
 vera para se suspender o Jordaõ na entrada da Arca,
 e não na entrada de Christo, quando nelle foy bau-
 tizado pelo grande Bautista? que he isto, Jordaõ?
 E porque te não retiras reverente para não tocares
 aquelle corpo, cuja Arca te não atreveste a tocar?
 Bem parece, que no fugitivo das tuas correntes des-
 apparecêraõ taõbem aquelles antigos obsequios:
 abre pois essas aguas para dares passo a Christo, por-
 que

que não he razaõ concedas à Arca, o que negas ao Deos, que te creou; porém não, que esta liquida suspenção foy mysterio, não foy acaço. Estava destinado o Jordaõ para nelle instituir Christo o Sacramento do Bautifmo, que real, e verdadeiramente instituhio naquella occasiaõ a sua eterna piedade, como com Santo Agostinho, e S. Cyrillo resolveo o Mestre das Sentenças, Santo Thomàs, e communmente os Doutores sagrados; neste rio se havia de extinguir pelo sagrado antidoto das aguas o original peccado de Adaõ, como declarou o Espirito Santo pelos Concilios Milevitano, Africano, e Tridentino; pois se no Jordaõ se havia de instituir o remedio da culpa original, aparte-se, e retire-se ao tempo, que appareceo a Arca, que na opiniaõ de Santo Ambrosio era figura da Senhora; porque não he possivel que a toque o peccado de Adaõ. Entre Christo nas aguas do Jordaõ, porque nellas vem a sepultar o castigo da desobediencia do primeiro homem, não como reo, mas como Redemptor, e Instituidor dos Sacramentos; porque a Senhora como eleyta para sua Mãy ha de passar sem que a toquem as aguas; *Steterunt aquæ descendentes in loco uno, & ad instar montis intumescentes apparebant procul ab urbe.* O milagre que obrou Deos com a Defensora, obrou tambem com o defendido. Estava Portugal cercado de Hespanha, e quando nella se ateava o sacrilego fogo de Prisciliano, conservava a Fé, e as tradiçoens da Igreja puras, e immaculadas, sem que se atrevessem a offuscarlhe o candor da Religiaõ; e como não bastasse para taõ grandes coraçõens conservar a pureza, sem destruhir a culpa, vejo lá sabir de Lamego, e

*Aug tract. 15
in Joan. Cy-
ril. lib. 2. in
Joan. c. 57.
Mag. sent. in
4. distinct. 3.
D. Thom ibid.
q. 1. art. 4. q. 2.
& 3. p. q. 66.
art. 2. Conc.
Mil. c. 2.
Afric. c. 77.
Trid. sess. 5. de
peccat. origin.*

*Macedo Flo-
res de Espa-
nha c. 9. ex-
cel 6. n. 2.*

do

do Algarve dous rayos com alma nas pessoas de seus Prelados Idacio, e Ittacio, que com o furor sagrado do seu zelo foraõ os instrumentos da morte daquelle Heresiarcha; porque como este Reyno pela pureza da sua Fè foy fundado para Christo, era razaõ que o peccado lhe tivesse o mesmo respeito, que teve o Jordaõ com a Arca, figura de sua purissima Protectora, e Padroeira: *Steterunt aquæ descendentes in loco uno, & ad instar montis intumescences apparebant procul ab urbe.* Mas como pôde ser que o Reyno de Portugal chegue a toda esta grandeza, se o Reyno se compoem de homens, e todos os homens saõ reos da culpa de seu pay Adão? Como he possivel, que merecesse Portugal este soberano favor? Porque assim como Deos preservou a Virgem naõ só para naõ cahir, mas ainda para naõ contrahir o debito da culpa, como dizem os Theologos; tambem elevou este Reyno, para que ficasse capaz deste raro privilegio. Quando Deos fiou de Moysés a sua divindade: *Constitui te Deum Pharaonis*, por ventura deixava de representar a Deos, porque era homem? Naõ; mas para chegar a taõ alta dignidade, como a de parecer Deos no Reyno do Egypto, foy purificado de todas as manchas, que podia ter contrahido como homem, para que entaõ como elevado fosse hum Deos na apparencia, já que na realidade era impossivel: *Constitui te Deum Pharaonis.* Assim elevou Deos o Reyno de Portugal, para que pudesse de algum modo ser semelhante na pureza da sua Fè à pureza da sua Protectora; e se mais altamente o considerarmos, naõ foy este favor ociosamente concedido pela divina piedade, porque como a Senhora havia de ser a sagrada

*Carthag. t. 1.
de B. Virg. l.
1. hom. 21. Sa-
aved. de sacra
Deipara dist.
19. p. totam,
& alii DD.
apud Thyrs.
Gonzal. t. 3.
selest. disp. 6.
sess. 3. per tot.
Exod. 7. 1.*

graça Bellona das nossas armas, não era julto, que defendesse, ou amparasse com luzes aos filhos de sombras, mas era necessario que igualmente vivessem nas luzes os defendidos. Discretamente buscou Portugal este puro patrocínio, já que para ser também sua Protectora, foy a Senhora concebida em graça: se ella não fora a mesma pureza, não chegaria à dignidade infinita de Mãe daquelle Deos, que vinha a conquistar o Mundo rebelde, e obstinado aos seus preceitos. Nella como pura assentou Christo as tendas de campanha para esta guerra: *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis, id est; tentoria fixit*, leo São João Chrysofomo. Nella começou as batalhas, sendo a fortaleza de Damasco despojo das suas mãos ainda enfiadas nas mantilhas: *Antequam sciat vocare Patrem, aut Matrem, auferetur fortitudo Damasci*; ella foy a officina, em que se lavraráo as armas para as victorias: *Cum quietum silentium continerent omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de Cælo à regalibus sedibus durus debellator in mediam exterminij terram prosilivit*; e para lhe formarem exercitos descerao os Anjos do Empyreo: *Facta est cum Angelo multitudo militiæ cælestis*. Este socorro, que da Senhora como concebida em graça teve Christo, recebeo taõbem o defendido Portugal por beneficio da sua Protectora. Que erao as batalhas do primeiro Affonso? Erao favores da protecção da Senhora do Claraval, a quem fez tributaria a Coroa, que lavrava com a sua espada. Que erao as victorias do Serenissimo Senhor Rey Dom João o primeiro? Erao effeitos do mesmo patrocínio.

Joan. 1. 14.

Chrysof.

apud Copola.
lib. cui titulus
Maria coronata disc. 2. n.

20.

Isai. 8. 4.

Sap. 18. &
15.

Luc. 2. 13.

Brãdaõ Mon.
Lus. tom. 3. l.
10. cap. 12.Brito Chrou.
de Cister l. 3.
cap. 5.

Jacinto Freyre de Andrade na vida de D. Joaõ de Castro l. 3. n. 18. Faria Asia Port. tom. 2. p. 2. c. 2. n. 9.

nio. Amparado delle fechou em Ceuta aquella porta, por onde em tempos mais antigos sahiraõ os barbaros a dominar Hespanha; e supposto que estes triunfos fim foraõ conseguidos debaixo da protecção da Senhora, e naõ saybamos que fossem debaixo do purissimo titulo da Conceição, naõ quiz ella occultar mais a gloria, que deste patrocinio lhe resultava, porque quando os nossos soldados faziaõ amanhecer no Oriente as luzes do Euangelho, appareceo sobre a Igreja do mais illustre theatro das façanhas Portuguezas a Cidade de Dio em traje de Donzella na occasião da Batalha, dando com os seus valerosos resplandores esforço aos nossos, e atemorizando de forte aos inimigos, que mayor terror lhes causava a sua vista, do que as nossas armas. Amparados pois, e defendidos os Portuguezes com este soberano patrocinio, naõ pôde haver perigo, que os affuste: e porque? Porque assim como a Senhora naõ padeceo o naufragio de todas as creaturas na tempestade da origem, taõbem naõ pôde ser que aquelles, a quem ella defende, e patrocina, experimentem damno, que os offenda. Na Senhora naõ houve, nem pôde haver sombra de culpa, e se por impossivel houvesse quem o sospeitasse, seria castigado pela Justiça Divina como reo da desconfiança de taõ pura, e immaculada Protecção. No segundo livro dos Reys ha hum texto uõ proprio, que ainda parece demasiado para fingido. Trata David de tresladar a Arca da casa de Aminadab para a de Obededon, e prevenidas festas, e applausos Reaes, como se disseramos os do presente dia, assistindo toda a Corte de Israel, diz o Texto,

qu. 2

que a collocára David em hum carro novo magestosamente ornado : *Et imposuerunt Arcam Dei super plaustrum novum.* Inclinou o carro, mostrando que cahia; o que vendo o Sacerdote Oza acudio a deter o impulso com que a Arca se precipitava: *Extendit Oza manum ad arcam Dei, & tenuit eam;* mas quem dissera, que lhe tirou Deos a vida em pena da sua temeridade: *Percussit eum Dominus super temeritate sua?* E qual foy a causa de taõ severo castigo? Qual foy a culpa de Oza? porque á primeira vista taõ longe está de ser condemnada a sua acção, que antes parecia merecedora de hum grande premio; porque sustentar a Arca, que cahia, foy Religiaõ, não foy temeridade. Assim parece, mas a Arca era figura da Senhora da Conceyção, porque parecendo que cahia com as mais creaturas, foy isenta do peccado: a Arca era o amparo, e o patrocínio daquelle povo, defendendo-o com o seu poder de todo o susto; se ella caísse, lá hiaõ por terra todas as esperanças de Israel com a gloria juntamente da Protectora; pois não, sustente-se a Arca para credito de si mesma, e para confiança dos que defende, porque não havendo sospeita de culpa na Protectora, não póde haver perigo nos defendidos, e se accaço ouver quem tam fea, e escandalosamente o presume, acudirá Deos pela gloria de sua Mãe, e por consequencia de todos aquelles, a quem ella defende, e patrocina: *Percussit eum Dominus super temeritate sua.* Temaõ outros, que Portugal não teme; temaõ os que não mereceraõ a protecção da Senhora, porq̃ este glorioso, e piíssimo Reyno despreza os perigos,

2. Reg. 6.36

gos, porque se funda nesta grande confiança. Dure, e viva a pureza da sua Fè para nesta admiravel continuacão segurar o patrocínio da Senhora, que não só foy concebida entre os resplendores da graça para ser Mãe de Christo, mas taõbem para ser Protectora, e defensora de hum Reyno, que pela innocencia da sua Fè foy fundado por Christo para seu Imperio: *Imperiũ mihi. De qua natus est Jesus.*

Purissima Virgem da Conceição, taõ antecipadamente começaraõ as vossas victorias, que saõ do mesmo tempo, que a vossa vida; primeiro começastes para triunfar, que para viver, e primeiro derramastes o sangue inimigo, do que recebesteis o destillado alimento de vossa Mãe; antes da idade, mas não antes dos merecimentos vos coroaastes de louros victoriosos; raro espectaculo, que não viraõ os Seculos passados, nem veraõ os futuros; ver no campo de huma parte huma formidavel serpente, que ameaçando-vos ferozmente a morte, atemorizava o Mundo com aquella inevitavel sentença: *Omnes in Adam peccaverunt*; ver-vos de outra parte armada com a divina predestinacão da maternidade de Christo, abaterlhe o furor, e com humas mãos ainda por tenras não capazes de toda a victoria; fazella cahir morta, e despedaçada, ouvindo para sua confusão entre os ultimos alentos a excepção daquella Ley universal: *Cadent in retiaculo ejus peccatores, singulariter sũ ego.* Mas como das vossas guerras pela pureza nascem outras semelhantes a Portugal, como de huma nasce outra victoria, e de hum triunfo he consequencia outro, espero eu; purissima Protectora, que defendido Portu-

*Paul. ad
Rom. 5. 22.*

*Psal. 140.
10.*

gal com o vosso escudo obre proezas taõ admiraveis, que para as coroar faltem as palmas em Jumea; que para as eternizar, durem pouco os Cedros do Libano; e que todo o Mundo conquistado seja hum agradecido tributo, com que venere o candor de vossa purissima Conceyção.

F I N I S.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

